

Versos de João de Deus para o povo e para as crianças: da concepção à publicação

Versos de João de Deus para o povo e para as crianças: de la concepción a la publicación

Elsa Rodrigues
Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IE-ULisboa)
Lisboa – Portugal
Augusto Deodato Guerreiro
Universidade Lusófona de Lisboa (ULusófona)
Lisboa - Portugal

Resumo

O objeto de estudo deste artigo é a obra Versos de João de Deus para o povo e para as crianças, publicada em Portugal em 1911. Refletiremos sobre a escolha das poesias integradas nesta seleta compilada por João de Deus Ramos, assim como sobre o conteúdo da mensagem poética e sobre os desenhos da autoria de António Carneiro que foram propositadamente concebidos para ilustrar realisticamente a poesia. A análise da concepção gráfica da obra será feita através da correspondência do desenhador, através dos desenhos originais realizados em várias técnicas e do estudo das diferentes versões de capas do livro. Caracterizemos a produção literária infantil na viragem do século XIX para o século XX e colocaremos a obra Versos de João de Deus em contraste com outros trabalhos editados na proximidade temporal. Como consideração final questionaremos se esta obra alcançou a relevância desejada.

Palavras-chave: Literatura infantil; João de Deus; António Carneiro.

Resumen

El tema de este artículo es la obra Versos de João de Deus para o povo e para as crianças, publicada en Portugal en 1911. Reflexionaremos sobre la elección de los poemas incluidos en esta selección compilada por João de Deus Ramos, así como sobre el contenido del mensaje poético y los dibujos de António Carneiro, concebidos para ilustrar de forma realista la poesía. El análisis del diseño gráfico de la obra se hará a través de la correspondencia del artista, de los dibujos originales hechos en diversas técnicas y del estudio de las diversas versiones de la cubierta del libro. Caracterizaremos la producción literaria infantil del cambio de siglo XIX al XX y contrastaremos Versos de João de Deus con otras obras publicadas en la misma época. Como reflexión final, nos preguntaremos si esta obra ha alcanzado la relevancia anhelada.

Palabras clave: Literatura infantil; João de Deus; António Carneiro.

Introdução

O educador João de Deus Ramos, que desde a sua juventude se debruçou sobre questões pedagógicas, idealizou uma escola modelo para a infância em Portugal. Influenciado pelo seu pai, o poeta e pedagogo João de Deus que também se dedicou ao ensino, concebendo o método de leitura Cartilha Maternal e pelo seu avô por afinidade, Casimiro Freire, que combateu o analfabetismo fundando a Associação de Escolas Móveis pelo Método João de Deus, inaugurou onze Jardins-Escolas João de Deus frequentados por crianças dos quatro aos oito anos de idade. No parecer de João de Deus Ramos, em entrevista ao jornal O Comércio do Porto (1941, p. 1) “é precisamente, nesta idade que a criança está abandonada, senão a si própria, o que é o geral, pelo menos a uma educação perniciosa. É este o erro tão perigoso, de tão graves consequências, que o Jardim-Escola pretende emendar”. Tendo um especial enfoque na educação dos sentidos, igualmente não descurava a alfabetização das crianças que era feita aos cinco anos de idade. “O projeto pedagógico consistia em orientar a criança no sentido que ela crescesse intelectualmente, fisicamente e moralmente de forma harmoniosa e íntegra”. (Rodrigues, Pintassilgo, 2023, p. 86).

O primeiro Jardim-Escola João de Deus foi inaugurado a 2 de abril de 1911 em Coimbra, mas o seu projeto arquitetónico, a cargo de Raul Lino, data de 1909, tendo tido um anteprojeto em 1908. Ora, é precisamente nesta data que João de Deus Ramos também dá início à ideia de publicar uma coleção de livros póstumos dedicada à poesia de João de Deus. Tal coleção seria constituída por quatro volumes com poesias por si selecionadas e abarcariam os seguintes géneros poéticos e temáticas: 1º volume - Versos de João de Deus para o povo e para as crianças; 2º volume – Versos de João de Deus: poesias religiosas; 3º volume - Versos de João de Deus: poesias amorosas, que deveria ser editada em pequeno formato; 4º volume - Versos de João de Deus: sátiras e epigramas, igualmente pensada ser editada em pequeno formato e com anotações. Por motivos desconhecidos foram unicamente publicados os dois primeiros volumes. Neste artigo aprofundaremos, somente, questões que incidem sobre a concepção e publicação do primeiro volume, Versos de João de Deus para o povo e para as crianças.

A escolha das poesias

João de Deus Ramos ao se aperceber da escassez de literatura infantil nacional, decide fazer uma seleta que pudesse ser usada nos Jardins-Escolas que tencionava inaugurar.

Conforme adverte a nota explicativa de Versos de João de Deus para o povo e para as crianças “Este livro não contém inéditos. É uma seleta do ‘Campo de Flores’ (1911, p. 93), coletânea que reuniu a antologia poética de João de Deus, compilada por Teófilo Braga em 1893, que ao tentar dar um corpo coeso a poesias que estavam dispersas em várias publicações periódicas e em edições poéticas anteriores, agrupou-as por gêneros de textos poéticos, nomeadamente, Cançonetas, Odes e Canções, Elegias, Idílios, Dísticos, Cânticos, Fábulas, Sátiras e Epigramas, Criptinas, Poemetos, Versões e Imitações, Teatro.

João de Deus viveu no século XIX, tendo nascido em 1830 e falecido em 1896. Caracterizou-se por ser um poeta repentista e popular, inserindo-se no movimento literário do Romantismo, “por vezes a deslizar para os lugares-comuns ultra-românticos” (Saraiva; Lopes, 1979, p. 974), que encontrou na figura da mulher uma enorme fonte de inspiração. Não obstante, ao longo da vida explorou outras temáticas, tais como a crítica social, a poesia religiosa e também escreveu poesias de cariz satírico. “Fugiu aos temas de escola [do Romantismo] e até aos lugares comuns de estilo e foi capaz de atingir uma expressão superior à moda literária do seu tempo [...]” (Saraiva, 1950, p. 121). “[...] Com uma conceção de vida tradicional moldada no seu catolicismo popular, animada pela sua bondade e sensibilidade inatas [...]” (Saraiva; Lopes, 1979, p. 973).

Desde a sua mocidade que era sensível à melodia da fonética da língua portuguesa. Ficaram na memória coletiva as suas toadas na guitarra que dedilhava em Coimbra, durante os anos em que lá se formou em Direito, e mais tarde quando fixou residência em Lisboa. “É poeta como guitarrista e quase improvisador como poeta” (Deus, 1869, p. 65).

O hábito de improvisar à viola variantes musicais e poéticas do cancionário popular e estudantil, de versificar para música, de trabalhar os seus poemas de cor e auditivamente, deve ter contribuído para que João de Deus nos deixasse uma série de poesias de tão simples e pura expressividade rítmica. (Saraiva; Lopes, 1979, p. 973).

De facto, a sua poesia é considerada simples e acessível. Segundo Saraiva e Lopes (1979, p. 974) “Os seus poemas são feitos do material mais pobre da língua: repetições, exclamações, anacolutos, um vocabulário correntio e um teclado restrito mas universal de imagens, que ele, às vezes, percorre inumerativamente [...]”.

Para esta seleta de feição infantil João de Deus Ramos escolheu os seguintes vinte e cinco poemas: Conto infantil; Engeitadinha; A cigarra e a formiga; Maria da Graça; As creches;

A menina no berço; No baloiço; Jasmim de cera; A cabra, o carneiro e o cevado; Dedicção; Duas rosas; Camões; Os Lusíadas; Sonho doirado; Ossos do ofício; Avarento; Leão moribundo; Miséria; Cão e presa; Velho operário; Remoinho (fragmento); A águia e o corvo; Botões de rosa; Honra e proveito; Gutemberg; e onze provérbios de Salomão dos quais João de Deus fez versões.

A mensagem poética

Antes de mais há a saber que João de Deus não versejava para crianças. Portanto, nunca publicou com o intuito de chegar a um público infantil que era muito diminuto no segundo quartel do século XIX, devido à elevada taxa de analfabetismo.

Sete dos poemas escolhidos para esta seleta são fábulas, cujos personagens são animais que apresentam características humanas e que têm um fundo moral e educativo. Por isso, sempre estiveram muito presente na literatura infantil e como tal não seria de as excluir desta edição. Muitas das fábulas de João de Deus são versões de outros autores, como por exemplo, Ossos do ofício, fábula original de La Fontaine. Fruto da sua criatividade, escreveu-a desta forma:

Uma vez uma besta do tesouro, Uma besta fiscal, Ia de volta para a capital, Carregada de cobre, prata e ouro; E no caminho, Encontra-se com outra carregada, De cevada, Que ia para o moinho. Passa-lhe logo adiante, Largo espaço, Coleando arrogante, E a cada passo, Repicando a choquilha, Que se ouvia distante. Mas salta uma quadrilha, De ladrões, Como leões, E qual mais presto, Se lhe agarra ao cabresto. Ela reguinga, dá uma sacada, Já cuidando, Que desfazia o bando; Mas, coitada! Foi tanta a bordoadada, Ah! que exclamava enfim, A besta oficial: - Nunca imaginei tal! Tratada assim... Uma besta real!... Mas aquela, que vinha atrás de mim, Porque a não tratais mal? – Minha amiga, cá vou no meu sossego. Tu tens um belo emprego! Tu sustentaste a fava, e eu a troços! Tu lá serves El-Rei, e eu um moleiro! Eu acarreto grão, e tu dinheiro! *Ossos do ofício*, que o não há sem ossos! (Deus, 1911, pp. 63-64).

Outro género é idílios dos quais foram escolhidos sete poemas. Destes destacamos Maria da Graça cujo poema fala de uma menina pobre chamada Angelina, que por vezes nem tem um bocado de pão para comer e que é troçada pelas suas companheiras de classe por andar sempre vestida com a mesma roupa. A mestra que tratava todas as alunas com amor, explicou que por vezes as pobrezinhas tendo menos, valem mais. Certa vez as colegas foram particularmente cruéis com a Angelina, zombando-a todo o dia. À noite, enquanto dormia, sonhou que uma estrela desceu do céu, ficando encandeada de tanto esplendor. Nesse

momento sentiu-se tomada em braços e beijada com amor. Acordou sobressaltada e apercebeu-se de um novo vestido estar sobre a mesa.

Sonho doirado descreve o cenário no qual mãe e filho cansados e famintos caminham em busca de onde passar a noite, por não terem um lar. Acabam por ir bater à porta do padre que é conhecido por ter uma alma nobre, acolhendo sempre os pobres. Dizem que ele tem um anjinho que lhe oferece pão, carne e vinho para que ele possa auxiliar os indigentes.

Miséria revela a dura realidade de uma mãe cega e pobre que caminha com o filho ao cair o dia. O poema inicia com a quadra “Era já noite cerrada, Diz o filho: - Oh minha mãe, Debaixo daquela arcada, Passava-se a noite bem!”. No seguimento, veem a arcada da porta duma casa abastada e pensam terem encontrado o local ideal para dormir, mas são escorraçados. Passam por um palácio onde têm a mesma sorte. Em conclusão: “Então ceguinha e filhinho, Vendo a sua esperança vã, Deitaram-se no caminho, Até romper a manhã!...” (Deus, 1911, pp. 70-71).

Remoinho expõe a circunstância duma viúva que ficou com o teto da casa destruído e perdeu tudo o que plantou devido a uma tempestade de chuva e ventos fortes.

Dísticos são poemas muito breves. Engeitadinha, que é um deles, tornou-se um dos seus poemas mais marcantes. Os seus versos transmitem a amargurada mensagem:

- De que choras tu, anjinho? - Tenho fome e tenho frio! - E só por este caminho, Como a ave que caiu, Ainda implume do ninho! A tua mãe já não vive? - Nunca a vi em minha vida; Andei sempre assim perdida, E mãe por certo não tive! - És mais feliz do que eu, Que tive mãe e... morreu! (Deus, 1911, p. 16).

Velho operário dá-nos a imagem de um pobre idoso que trabalhou toda a vida por conta de outrem. Agora, que lhe faltam as forças, lança a sua súplica a Deus.

Como tônica constante temos a fome, a miséria e a vulnerabilidade da vida humana, intercaladas de palavras acutilantes a quem não pratica a caridade. Apesar de os poemas terem sido escritos entre 1860 e 1890, a infeliz realidade das pessoas retratadas, que se apresentam descalças, desprotegidas, com roupas esfarrapadas e famintas continuava a ser familiar às crianças que leram estes versos no início do século XX.

Fig. 1: Engeitadinha.

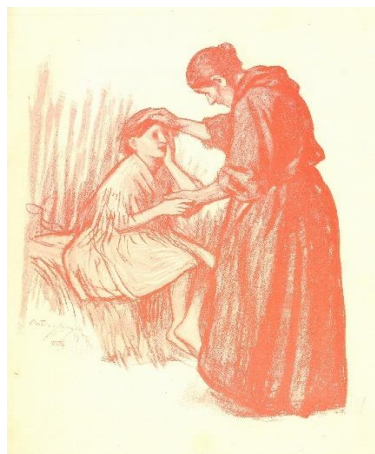


Fig. 2: Velho operário.



Fonte: Museu João de Deus / Versos de João de Deus para o povo e para as crianças, 1911.

Ressalva-se que o poema *Jasmim de cera* não foi publicado em *Campo de Flores*, contrariando a nota explicativa, mas sim na obra *Flores do Campo*, editada em 1868. Não foi possível apurar a origem dos poemas *A menina no berço* e *No baloiço*. Eles não constam de nenhuma obra que João de Deus tenha publicado em vida. Poder-se-ão tratar de inéditos? Se sim, porque não foram mencionados na nota explicativa do livro *Versos de João de Deus para o povo e para as crianças*? Até à presente data não encontramos resposta plausível para esta questão.

Frequentemente não só as filhas mais velhas tinham de substituir a mãe nas atividades domésticas, mas também tinham de cuidar dos irmãos mais novos. O poema *A menina no berço* espelha bem essa realidade. De facto:

[...] , era um mundo hostil aquele em que a Humanidade vivia, mundo de hostilidade em que o negrume dos campos constituía um risco, em que as ameaças espreitavam por todo o lado, em que o homem vivia na sombra, e não podia, por exemplo, prever o tempo, os flagelos, nem era capaz de dominar as grandes epidemias (Fontes, Botelho, Sacramento, 1971, p. 103).

No entanto nos anos 60/70 do século XX, alguns escritores sofreram críticas acerbas por trazerem para os livros destinados às crianças problemas sociais e situações graves como a miséria, a velhice, a morte, a poluição, a guerra, o divórcio, o desemprego. A desgraça e a dor nunca deixaram de estar presentes na poesia como nos contos, antes do século XX, dentre os poemas com mais aceitação entre as crianças estão “*Engeitadinha*” de João de Deus, e outros temas semelhantes (Rocha, 1984, p. 54).

A encomenda dos desenhos

A escolha do desenhador recaiu sobre António Carneiro, um artista familiarizado com a poesia de João de Deus. A sua ligação ao grande lírico remontava a 8 de março de 1895, por

ocasião da sua apoteose, à qual várias academias estudantis do país se associaram com agrado a essa manifestação de apreço pela figura e legado de João de Deus. Nesse contexto, os estudantes do Porto ofertaram-lhe uma pasta com trabalhos artísticos e literários concebidos pelos alunos dos vários cursos. A capa e contracapa da referida pasta, assim como um desenho ilustrando o retrato de um jovem garboso numa pose descontraída ficou a cargo do então estudante de belas-artes Carneiro Júnior, nome pelo qual assinava os trabalhos o pintor que posteriormente se veio a notabilizar como António Carneiro.

Nesta circunstância foi com lisonja que, treze anos mais tarde, aceitou a proposta de colaborar na seleta de poesia de João de Deus, ilustrando alguns poemas selecionados por João de Deus Ramos, filho do renomado lírico. Apesar de viver em Paris desde 1897, onde aprofundou os seus estudos na Academia Julian com os mestres Jean-Paul Laurens (1838-1921) e Jean-Joseph Benjamin Constant (1845-1902), António Carneiro passava os verões no norte de Portugal com a sua esposa e filhos. A 26 de julho de 1908 asseverou que:

Queria falar largamente consigo relativamente às ilustrações a fazer para a obra lírica de seu ilustre Pai. De passagem deixe-me dizer-lhe quanto fiquei contente por esta incumbência. É um trabalho que está absolutamente no feitio do meu espírito, e que vai proporcionar-me o ensejo de fazer lindos desenhos.

Em agosto desse ano desenhou um retrato de João de Deus a sanguínea, mas tendo de regressar a Paris, só voltou a trabalhar no projetado livro em agosto de 1909 ao retornar ao Porto. Numa missiva enviada da Rua Joaquim António de Aguiar, número 179, Porto, escrita a 6 de agosto de 1909 garantiu que:

é o trabalho dos seus desenhos, que me absorve de novo, completamente. Há alguns dias que estou entregue a eles, de corpo e alma, o que tanto vale dizer que me deito, acordo e como com os desenhos... É uma febre obsessiva. Ilustro a Maria da Graça, que encerra cinco desenhos, já quase concluídos. Em seguida irão os outros; e como todas as mais poesias são ilustradas dum único desenho, não sendo elas muitas, breve estará o livro concluído.

E acrescenta que “Os desenhos que faltarem executá-los-ei na aldeia, onde modelos abundam”. A 8 de setembro escreveu de Amarante, sua terra natal, informando que “Poucos desenhos me faltam para completar a série de ilustrações do livro. Serão quarenta desenhos, aproximadamente. Espero deixá-los concluídos este mês”. Deste modo, fica-se com a certeza

que alguns desenhos foram executados a partir de modelos vivos, ou seja, de aldeões amarantinos. O produto da sua imaginação funda-se na realidade que lhe era conhecida e próxima. De mais, sabe-se que António Carneiro fazia vários estudos para os seus desenhos. Não raras vezes o Museu João de Deus possui um exemplar a carvão, outro a grafite e outro a *crayon* ou a tinta do mesmo tema, apresentando variações subtis ou um refinar do traço.

Fig. 3: Desenho a grafite.



Fig. 4: Desenho a tinta.



Fonte: Museu João de Deus, 1909 / Versos de João de Deus para o povo e para as crianças, 1911.

Quanto à sua colaboração neste projeto, António Carneiro afirma na mesma missiva de 8 de setembro que: “julgo, além dum dever da consciência, contribuir ainda com uma pequena parte na homenagem ao grande espírito que foi João de Deus, prestada com a publicação deste volume”. Pouco depois dá por concluída a sua prestação e a 17 de setembro, em correspondência epistolar, assegura: “Procedi em harmonia com as indicações da minha consciência, e obedeci à admiração sempre crescente que – à proporção que acompanho a obra de seu Pai – me inspira esse altíssimo Espírito”.

Apesar das ilustrações terem sido concluídas em 1909, o primeiro volume de poesia, Versos de João de Deus para o povo e para as crianças, só viria a ser publicado em dezembro de 1911. O segundo volume, intitulado Versos de João de Deus: poesias religiosas, contendo, igualmente, ilustrações de António Carneiro executadas em 1909, 1910 e em 1911, foi impresso em meados de 1912.

A escolha da tipografia

No início do século XX existiam em Lisboa várias grandes tipografias capazes de imprimir um livro com as características que João de Deus Ramos requeria, nomeadamente a

Imprensa Nacional (a funcionar no Palácio de D. Fernando Soares de Noronha, localizada na Rua da Cotovia), a Companhia Nacional Editora (situada na Rua da Oliveira ao Carmo, número 12) e a Tipografia Universal (situada na esquina da Rua dos Calafates com a Travessa do Poço da Cidade). Todas elas estavam habituadas a imprimir obras literárias, revistas e jornais, inclusive publicações bastante ilustradas. Não obstante, a obra foi impressa na não menos prestigiada Tipografia do Anuário Comercial de Portugal fundada em 1880 por Manuel José da Silva e dirigida por Caldeira Pires. Em 1904 instalou-se num edifício que fazia esquina entre a Praça dos Restauradores, número 27 e a Calçada da Glória, número 5, tornando-se uma das melhores tipografias do país porque estava muito bem apetrechada. Possuía iluminação e força motriz por eletricidade, executando um leque variado de trabalhos tipográficos, sobretudo para o comércio, como por exemplo, os impressos, memorandos e faturas para repartições de Câmaras Municipais, Companhias de Seguros, Empresas de Navegação, Fazenda, entre outros, podendo fazer uso da fotogravura. Igualmente era especialista em obras ilustradas a tinta de copiar e era detentora da sua própria fundição.

A composição era feita com tipos móveis nas oficinas de impressão e as ilustrações eram impressas por estereotipia, ou seja, por prancha única. A encadernação era manual com costura francesa cruzada. É de considerar a hipótese que a escolha da tipografia possa ter sido sugerida por Afonso Lopes Vieira que nesse mesmo ano de 1911 tinha editado *Animais nossos amigos* na Tipografia do Anuário Comercial de Portugal.

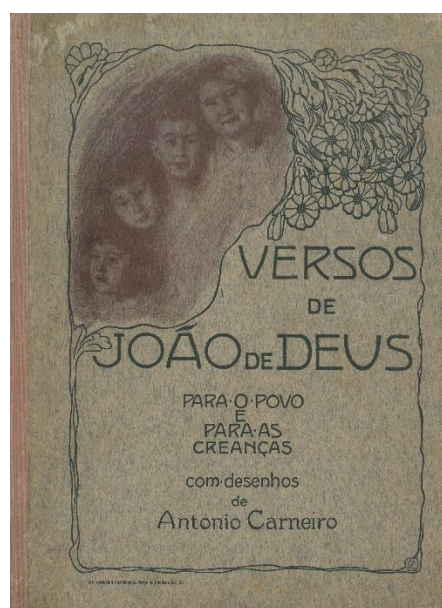
As diferentes versões da capa do livro

O Museu João de Deus guarda os vários estudos de cor feitos para a capa de *Versos de João de Deus para o povo e para as crianças*, porque houve uma clara intenção de as preservar para memória futura. Para facilitar o manuseio, essas folhas foram encadernadas por João César, encadernador e dourador, cuja oficina se localizava na Rua do Norte, número 146 – primeiro andar, em Lisboa, local onde habitualmente eram encadernadas as obras bibliográficas do Museu João de Deus. Observando estas folhas verifica-se que foram realizados seis estudos de cor em papel bege com mesclas de azul. Para embelezar a capa foi escolhido um retrato de quatro crianças, netos de João de Deus, filhos de José do Espírito Santo Battaglia Ramos, cujos nomes são Maria Lívia, João de Deus, Maria do Carmo e Maria da Nazaré. Esta composição artística foi executada por António Carneiro em 1909 por encomenda da família.

O primeiro exemplar tem o *lettering* verde tundra e o desenho impresso a magenta. O segundo exemplar tem o *lettering* castanho escuro e o desenho impresso a antracite. O terceiro exemplar tem o *lettering* verde tundra e o desenho impresso a cinzento azulado. O quarto exemplar tem o *lettering* castanho escuro e o desenho impresso a cinzento esverdeado. O quinto exemplar tem o *lettering* preto e o desenho impresso a cinzento acastanhado. Por fim, o sexto exemplar tem o *lettering* preto e o desenho impresso a cinzento azulado turquesa.

De seguida foi feita uma prova tipográfica em encadernação de capa rija medindo 24,9 cm por 17,2 cm, cuja capa tem a indicação “para o povo e para as crianças com desenhos de” escrito em letras maiúsculas e “Antonio Carneiro” usando um tipo de fonte caligráfica com pequenas linhas de prolongamento para embelezar a letra e unicamente as iniciais do nome são impressas em maiúscula. Nesta prova não vem mencionado o nome da tipografia na capa, mas pelo contrário, no canto inferior esquerdo da folha de rosto é indicado não só o nome, mas também a morada da tipografia. Ainda em relação à capa acrescenta-se que o papel é liso, uniforme e de cor amarelada. O *lettering* é de tom verde e o desenho é impresso a castanho. Na última folha tem a informação que “Acabou de imprimir-se este livro nas vésperas do Natal do anno de 1911 em a Typ. do Annuario Commercial, Praça dos Restauradores, 27, Lisboa”. A contracapa é adornada com o desenho de uma flor e borboleta impressas a castanho e no canto inferior esquerdo tem a indicação de “Livraria Aillaud, Alves & C^a - Lisboa - 73, Rua Garrett, 75”.

Consecutivamente foi feita outra prova tipográfica, mas desta vez em capa mole, já com a escolha da cor definitiva e cuja capa, no canto inferior esquerdo, tem a indicação que a obra foi impressa na “Typographia do Annuario Commercial, Praça dos Restauradores, 27, em Lisboa”. No entanto, no canto inferior esquerdo da contracapa menciona “Lisboa. Livraria Ferreira - depositária. Preço - 600 réis”. Portanto, o nome da livraria onde a obra seria posta à venda não é a mesma que é a mencionada na primeira prova tipográfica. Uma vez mais é de ponderar que esta mudança também possa ter sido sugerida por Afonso Lopes Vieira, dado que a sua obra *Animais nossos amigos* igualmente se encontravam à venda nessa renomada livraria, sucedânea da Ferreira Lisboa & Companhia, que por sua vez era sucessora da Livraria António José Lopes, situada há quatro décadas em Lisboa, na rua Aurea, números 132 e 134, propriedade de Manuel José Ferreira.

Fig. 5: A capa da prova tipográfica.**Fig. 6:** A capa da edição final.

Fonte: Museu João de Deus / Versos de João de Deus para o povo e para as crianças, 1911.

A edição final

Após os estudos prévios de cor e de design foi publicada a primeira edição em encadernação de capa rija com as dimensões de 24,6 cm por 18 cm. Esta versão tem escrito na capa “para o povo e para as crianças com desenhos de Antonio Carneiro” com um tipo de fonte caligráfica diferente do anterior e com pontos entre as palavras, para além de mencionar a tipografia no canto inferior esquerdo. A cor do papel da capa é bege mesclado de azul. As letras são do mesmo tom de verde da prova tipográfica, mas a impressão do desenho é feita a magenta. Esta combinação de cores torna a capa menos contrastada e por consequência menos atraente. Não sabemos a razão que levou João de Deus Ramos a optar por esta capa, porque não encontramos correspondência trocada entre ele e os responsáveis da tipografia. Ponderamos que todo o processo de escolha de cores tenha sido acompanhado presencialmente por João de Deus Ramos na tipografia. No canto inferior esquerdo da folha de rosto encontra-se o nome e a morada da tipografia. Na contracapa o desenho da flor e borboleta foi impresso a magenta. O conteúdo, ou seja, as poesias não sofreram alterações em relação à prova tipográfica. Na última folha menciona que “Acabou de imprimir-se este livro nas vésperas do Natal do anno de 1911 em a Typ. do Annuario Commercial, Praça dos Restauradores, 27, Lisboa” e a contracapa indica “Lisboa. Livraria Ferreira - depositária. Preço - 600 réis”.

Assim que o livro foi posto à venda o jornal *O Seculo*, de 23 de dezembro, publicitou esta edição artística dos versos de João de Deus afirmando que (p. 2) “Constitue uma edição de excecional valor artístico, enquadrando em rica moldura as delicadas e suavíssimas rimas do grande lírico. Merece a pena lê-la e... admirá-la”.

A consagração de António Carneiro

Sendo António Carneiro um desenhador talentoso retratou por encomenda variadas personalidades da cultura artística, literária e política portuguesa. Os seus desenhos foram expostos no salão de exposições da revista *Ilustração Portuguesa*, suplemento do jornal *O Seculo*, em dezembro de 1911. Nas palavras de Manuel de Sousa Pinto, redator da referida revista, “Para ele [António Carneiro], ser artista é, como para poucos, viver em graça” (A exposição [...], 1911, p. 799). Quem a visitou pôde apreciar desenhos a lápis, a sanguínea e a carvão, assim como, pinturas a aguarela e a óleo.

[...] o [desenho] de D. Clotilde Rafaela Ramos, filha já morta, de João de Deus, que é uma firmeza suprema, como supremos são muitos outros desenhos, dos quais, porque o tirânico espaço está gaudido (...) e carinhosas ilustrações feitas sobre poesias de João de Deus, etc., que fazem desta exposição um artístico acontecimento de primeira grandeza. (A exposição [...], 1911, p. 804).

Um dos desenhos da série de ilustrações de poemas de João de Deus contemplado foi o quarto desenho da série do poema intitulado *Maria da Graça*. Na exposição foi exposto o seu estudo a grafite, enquanto que o desenho final impresso no livro foi depurado do ambiente que criava o enquadramento da cena a fim de a simplificar e o tema da composição artística ficar unicamente focado no essencial. Para além disso, o desenho foi impresso a tinta cor de laranja, suavizando os seus contornos.

Fig. 7: Desenho a grafite.



Fig. 8: Desenho impresso a tinta cor de laranja.



Fonte: *Ilustração Portuguesa*, nº 305, de 25-12-1911 e Museu João de Deus / *Versos de João de Deus para o povo e para as crianças*, 1911.

De tal forma teve êxito esta mostra que “o chefe de Estado [o Presidente da República, Dr. Manuel da Arriaga] visitou a exposição em vinte e dois de dezembro, acompanhado por seu filho e secretário particular” (A visita [...], 1912, p. 8) e conversou longamente com o artista. Curiosamente, observando a fotografia que registou o momento desse encontro, vê-se exposto a composição de quatro rostos de crianças, netos de João de Deus, desenho que embeleza a capa do livro Versos de João de Deus para o povo e para as crianças.

Cerca de dois anos mais tarde a *Ilustração Portuguesa* publicou alguns dos seus recentes desenhos afirmando que “António Carneiro é extremamente admirado entre a elite intelectual e elegante se não em todo o país, pelo menos no grande meio de Lisboa” (Os últimos [...], 1914, p. 102).

Características da produção literária infantil na viragem do século XIX para o século XX

No início do século XX Portugal ainda carecia duma cultura de literatura infantil. Ana de Castro Osório, no prefácio da obra *Pérolas e Diamantes*, dos irmãos Grimm, afirma que “A literatura portuguesa é ainda pobre, apesar do que ultimamente se tem feito; precisamos mais e mais...” (1908, p.12). Além do mais, “Grande parte da literatura que a criança lê, não foi, porém, concebida em sua intenção, mas depois adaptada, uma vez constatado o interesse que despertava nessa quadra da vida” (Gomes, 1979, p. 11). “João de Deus, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Gomes Leal... foram dos que contribuíram para que a nova preocupação com a leitura das crianças fossem (sic) adquirindo forma” (Góis, 1998, p. 33).

“Alguns folcloristas, entre eles Teófilo Braga, dizem que há semelhanças entre a mentalidade popular e a das crianças e que essa é a razão por que tantos temas tradicionais continuam a ser tão utilizados e apreciados na literatura infantil” (Pires, 1982, p. 19).

Apesar da literatura infantil nos finais do século XIX ser praticamente inexistente, algumas

Figuras proeminentes da literatura portuguesa refletem sobre a educação e a literatura para as crianças ou relatam cenas e episódios da infância. É o caso de Eça de Queirós («A Literatura de Natal», *Cartas de Inglaterra*, 1877-1882), Ramalho Ortigão («Do Natal e as festas das crianças», *Farpas esquecidas*, 1881), Júlio Dinis, em certos episódios de *As Pupilas do Senhor Reitor* (1867) e *A Morgadinha dos Canaviais* (1868), Trindade Coelho, em alguns contos de *Os meus amores* (1891) (Bastos, 1999, p. 38).

“Por seu lado, Adolfo Coelho, um autodidata introdutor da filologia científica em Portugal, publica em 1882 os *Contos Nacionais para Crianças*, anteriormente incluídos no seu *Contos Populares Portugueses*, edição de 1879” (Barreto, 1998, p. 27). Contemporaneamente vários escritores recorreram à prática de escrever contos tradicionais.

Neste sentido, as coletâneas de poesias e contos, escritas ou organizadas pelos acima citados [João de Deus, Antero de Quental, Guerra Junqueiro, Gomes Leal], são exemplares, pois são textos que visam um “adulto em miniatura”. A descoberta da criança como um ser específico, com reações, interesses e problemas bem distintos dos adultos, será feita mais tarde, já no nosso século (Góis, 1998, p. 33).

Ainda neste contexto:

Segundo refere Bastos ‘*Os Contos de Andersen*, em tradução de Gabriel Pereira, surgem reunidos em volume, em 1879, e depois, em 1882, incluídos nos *Contos para os nossos filhos*, de Maria Amália Vaz de Carvalho e Gonçalves Crespo, que também traduzem alguns textos dos irmãos Grimm, cuja obra apareceu em volume (...) pelas mãos do editor Salomon Saragga’ (Bastos, 1997, p. 24 *apud* Pais, 2007, p. 49).

Outro nome já citado é o de Ana de Castro Osório que, definitivamente, contribuiu para a expansão e cimentação de uma literatura destinada aos mais pequenos.

A sua produção para crianças começa em 1897 e é um projeto imparável. Passa em grande parte pela recolha de contos tradicionais e da sua recriação, diversas vezes reeditados no seu tempo. De autores estrangeiros faz traduções de Grimm, Luigi Motta, Andersen e Paul Bourget (Neto, 2008, p. 8).

Ela foi resoluta “Ao salientar-se como uma das primeiras vozes públicas a saudar, em 1929 a determinação governamental que impunha que ‘os livros de leitura escolar do ensino primário passassem a incluir contos e rimas tradicionais que proporcionassem às crianças interesse pela leitura e alegria de viver’ (Gomes, 1991, p. 27).

É curioso notar que as primeiras obras que Ana de Castro Osório publicou tinham pequenos elementos decorativos aqui e acolá, sobretudo no início e no fim dos capítulos, mas ainda não continham ilustrações que pusessem em evidência alguns excertos do texto. Não obstante, ela rapidamente percebeu o potencial da ilustração para o universo infantil, passando a conceber as suas obras ilustradas. Exemplificando, a obra *Contos Maravilhosos*, editada em 1900, contou com as contribuições dos artistas Tomás Júlio Leal da Câmara, Raquel Roque Gameiro, Laura Nogueira, Alfredo Morais e S. Dascher. Voltou a repetir a parceria com Leal da

Câmara em *Os dez anõezinhos da tia verde água* e em *A princesa muda*, ambas editadas em 1906, assim como em *Contos tradicionais portugueses*, obra editada em 1908. Terão estas obras ilustradas influenciado João de Deus Ramos a encomendar a obra *Versos de João de Deus* para o povo e para as crianças a António Carneiro? Certamente que sim, pois Ana de Castro Osório fazia parte do círculo de amigos de João de Deus Ramos. A amizade entre eles ficou ainda mais próxima quando a Associação de Escolas Maternais a que pertencia Ana de Castro Osório se fundiu com a Associação de Escolas Móveis pelo Método João de Deus de cuja direção João de Deus Ramos fazia parte. O artista Leal da Câmara também lhe deve ter sido apresentado por ela. Poucos anos mais tarde teve a incumbência de pintar os frisos do Jardim-Escola João de Deus de Lisboa.

Por outro lado, não se pode deixar de dar crédito às publicações periódicas emergentes:

Os primeiros discursos sobre a literatura em Portugal e no Brasil apareceram na imprensa periódica e nas notas prefaciais, abundantes na literatura infantil do século XIX e início do XX, as quais, como notou Glória Bastos, foram ‘um lugar privilegiado para autores, tradutores, adaptadores e até editores exporem as suas diferentes perspectivas sobre a criança, a sua educação e, geralmente em função dessas duas coordenadas para eles fundamentais, o papel dos livros e da literatura’ (Hansen, 2016, p. 141).

Prosseguindo no tempo, o poeta Afonso Lopes Vieira dedicou parte da sua produção poética às crianças, e na “divulgação dos valores culturais e míticos, daquilo a que se chamou a ‘portugalidade’ ou o ‘espírito lusíada’ ” (Nobre, 1999, p. 87). Em 1911 lançou *Animais nossos amigos*, obra poética com uma escrita inteiramente concebida para a infância, com desenhos de Raul Lino que foram passados a gravuras por P. Marinho. Estes poemas têm musicalidade, porque têm refrão, assim como uma forma peculiar de os terminar. As glosas, “a introdução do discurso direto e da coloquialidade e dramatismo daí resultante” (Nobre, 1999, p. 90), o recurso a uma “construção paralelística à maneira das cantigas trovadorescas” (Nobre, 1999, p. 89) e a “alternância entre o verso longo e o verso curto, que é uma constante nalguns dos poemas” (Nobre, 1999, p. 90) conferem atratividade e facilita a memorização dos poemas desta obra. As gravuras impressas a várias cores enriquecem esta edição e tornam-na visualmente apelativa. Enfatiza-se que o poeta Afonso Lopes Vieira era amigo de João de Deus Ramos, pois se conheceram enquanto frequentavam a Universidade de Coimbra. O exemplar de *Animais nossos amigos* existentes no Museu João de Deus tem a seguinte dedicatória

manuscrita “Às criancinhas do Jardim-Escola João de Deus oferece Afonso” provando a amizade entre os dois antigos condiscípulos. Tal como foi dito na introdução deste artigo, nesta data o arquiteto Raul Lino já tinha concebido o projeto do primeiro Jardim-Escola João de Deus. Pelo exposto conclui-se que este núcleo criativo pode de certa forma ter influenciado, ainda que indiretamente, a obra *Versos de João de Deus para o povo e para as crianças*.

Pouco depois, em 1912, Afonso Lopes Vieira publicou *Bartolomeu marinheiro*, contendo novamente poemas da sua autoria destinados ao público infantil e com ilustrações de Raul Lino passadas a gravuras coloridas por Tomás Bordalo Pinheiro. Ainda nesse ano, publica *Canto infantil* com poemas seus musicados pelo padre Tomás Borba e com ilustrações de Raul Lino transferidas a gravuras por Tomás Bordalo Pinheiro. Esta obra tinha por objetivo possibilitar que as crianças cantassem belas poesias infantis e assim apreciassem esta arte literária. Curiosamente, em nota impressa a seguir à folha de rosto, o autor dedicou *Canto Infantil*:

Às criancinhas do Jardim-Escola João de Deus, em Coimbra, a linda e amável escola portuguesa, aonde encontrou um lar de beleza o espírito do poeta imortal, e aonde se educam almas das que serão capazes de criar uma pátria melhor, este livro é dedicado humildemente (Vieira, 1912, p. 9)

Efetivamente *Canto infantil* foi amplamente usado nos Jardins-Escolas João de Deus, porque as músicas foram compostas em vários ritmos, tornando este livro apelativo, versátil e de fácil uso por parte das professoras de música e canto, chegando a ter uma terceira edição publicada em 1931, apenas variando em algumas canções, ou seja, introduzindo alguns novos poemas musicados, mas retirando outros.

O poeta Guerra Junqueiro que em 1877 tinha publicado *Tragédia Infantil*, volta a reeditar esta obra em 1913, mas desta feita incluindo ilustrações. Constata-se que a inclusão de ilustrações na literatura infantil começa a ser uma prática constante.

Considerações finais

A obra *Versos de João de Deus para o povo e para as crianças* teve uma tiragem muito limitada e uma única edição. Após 1911 não se efetuaram reedições nas décadas seguintes. Isto revela que o seu uso terá sido muito diminuto e o interesse pela obra não terá alcançado o êxito almejado. Esta contribuição de João de Deus Ramos foi um parco incremento no contexto educacional nacional, porque foi usada, essencialmente, nos Jardins-Escolas João de Deus. Contudo, o que confere singularidade a esta obra é o binómio palavra-imagem, ou

seja, a interpretação da palavra poética, tornando-a real e simbólica através do desenho. Alguns desenhos estão no corpo do texto, outros em extratexto, por vezes executados a fino traço, unicamente delimitando o contorno da figura, mas noutros casos mostrando desenhos bastante realistas que transmitem a alma e a emoção das pessoas representadas. Não era e continua a não ser comum ver este tipo de desenhos tão expressivos em obras de literatura para crianças desta faixa etária. A técnica é apurada, depurada e o realismo é realçado “por contrastes lumínicos aplicados em pormenores como a profundidade de um olhar, linhas / sombras / manchas de um rosto ou incidência em atitudes corporais” (Amorim, 2012, p. 65).

Apesar de Versos de João de Deus para o povo e para as crianças não ter tido as repercussões desejadas, os alunos que frequentaram o ensino primário oficial no início do século XX, por norma, sabiam um, dois ou até mesmo três poemas de João de Deus de cor, porque eles constavam de seletas de textos e poemas adequados para a sua idade escolar. Três exemplos de livros portugueses que mencionavam João de Deus e a sua poesia são: *Patria Portuguesa*, Lisboa, 1906, livro destinado para prémio aos alunos distintos nas escolas de instrução primária; *O livro das creanças portuguesas e brasileiras*, Lisboa, 1909; e *O meu quarto livro*, Lisboa, 1932, adotado oficialmente para a 4ª classe das Escolas Primárias. O exemplo de um livro brasileiro que também menciona João de Deus é *Seleta literária*, Rio de Janeiro, 1938, obra publicada de acordo com o programa das cinco séries do curso secundário contendo notas bibliográficas dos autores escolhidos e notas explicativas do texto.

Só ao aproximar-se o centenário do falecimento de João de Deus houve uma tentativa de resgatar a sua poesia através duma edição da editora Portugalmundo, organizada por Fernando do Vale, Mestre em Literaturas de Expressão Portuguesa pela Universidade de Lisboa, impressa em 1995, que contou com uma segunda edição posta à venda em abril de 1996, também da editora Portugalmundo, apoiada pela Associação de Jardins-Escolas João de Deus.

Num plano teórico questionamos:

Mas, afinal, qual será a literatura que verdadeiramente tem interesse para as crianças? Estamos em crer que será aquela que divertir, der prazer, emocionar... e, ao mesmo tempo, ensinar modos de ver o mundo, de viver, pensar, criar e, se permitem, de ensinar a ler e a gostar de ler (Vale, 1991, p. 10).

Ora, a poesia de João de Deus cumpre com esses parâmetros de fruição e aprendizagem. Por esse motivo, “A todos [os escritores] rendemos o nosso preito de

homenagem e de um modo particular a João de Deus, que poderemos considerar o patriarca da literatura Infantil [...] (Sá, 1981, p. 24).

Referências

AMORIM, José Carlos e Castro. **António Carneiro: pluralidade e desígnios do ilustrador**. Vol. 1 –Texto. 144 f. (Mestrado em História da Arte Portuguesa) Universidade do Porto, Porto, 2012.

A EXPOSIÇÃO de António Carneiro. **Ilustração Portuguesa**, Lisboa, ano 8, n. 305, p. 797-804, 25 dez. 1911.

A VISITA de Sua Ex.cia. O Sr. Presidente da Republica ao Salão da Ilustração Portuguesa. **Ilustração Portuguesa**, Lisboa, ano 9, 2ª série, n. 306, p. 8, 1 jan. 1912.

BARRETO, António Garcia. **Literatura para crianças e jovens em Portugal**. Porto: Campo das Letras, 1998.

BASTOS, Glória. **Literatura infantil e juvenil**. Lisboa: Universidade Aberta, 1999.

DEUS, João de. **Ramo de flores, acompanhado de várias críticas das Flores do Campo**. Porto: Typographia da Livraria Nacional, 1869.

DEUS, João de. **Versos de João de Deus para o povo e para as crianças**. Lisboa: Typographia do annuario Commercial, 1911.

EDIÇÃO ARTÍSTICA dos versos de João de Deus. **O Seculo**, Lisboa, ano 31, n. 10788, p. 2, 23 dez. 1911.

FONTES, Vitor; BOTELHO, Maria Leonor; SACRAMENTO, Mário. **A criança e o livro: aspectos psicológicos, pedagógicos e literários**. Lisboa: Livros Horizonte, 1971.

GÓIS, Lúcia Pimentel. **Em busca da matriz: contribuição para uma História da Literatura infantil e juvenil Portuguesa**. São Paulo : Clíper, 1998.

GOMES, Alice. **A literatura para a infância**. Lisboa: Torres & Abreu, Lda. Editores, 1979.

GOMES, José António. **Literatura para crianças e jovens: alguns percursos**. Lisboa: Caminho, 1991.

GRIMM. **Pérolas e diamantes**. Lisboa: Livraria Moderna, 1908.

HANSEN, Patrícia Santos. A literatura infantil no Brasil e em Portugal: problemas para a sua historiografia. **Sarmiento**, Universidade de A Coruña, Universidade de Vigo e Universidade de Santiago de Compostela, nº 20, pp. 133-161, 2016. Disponível em: https://ruc.udc.es/dspace/bitstream/handle/2183/22099/SAR_2016_20_art_8.pdf. Acesso em: 23 jun. 2024.

MUSEU JOÃO DE DEUS, **Correspondência para João de Deus Ramos: 1908 - junho a dezembro.**

MUSEU JOÃO DE DEUS, **Correspondência para João de Deus Ramos: 1909 - 2º semestre.**

NETO, Inês. **Ana de Castro Osório: Escritora e editora para crianças.** 59 f. Dissertação (Mestrado em Edição de Texto) Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2008.

NOBRE, Cristina. A obra para a infância e juventude de Afonso Lopes Vieira. **Educação e comunicação**, Escola Superior de Educação de Leiria, n. 1, p. 87-107, jan. 1999. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.8/269>. Acesso em: 22 jun. 2024.

OS ÚLTIMOS desenhos de António Carneiro. **Ilustração Portuguesa**, Lisboa, ano 10, n. 404, p. 102-103, 26 jan. 1914.

PAIS, Alexandra Maria Oliveira. **Literatura para crianças em Portugal: 30 anos de evolução.** 253 f. Dissertação (Mestrado em Administração e Planificação da Educação) Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto, 2007.

PIRES, Maria Laura Bettencourt. **História da literatura infantil portuguesa.** Lisboa: Vega, 1982.

ROCHA, Natércia. **Breve história da literatura para crianças em Portugal.** Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa - Ministério da Educação, 1984.

RODRIGUES, Elsa ; PINTASSILGO, Joaquim. Uma viagem pedagógica: João de Deus Ramos no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 30, n. 4, p. 81-110, out.-dez. 2023. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/22929>. Acesso em: 4 dez. 2024.

SÁ, Domingos Guimarães de. **A literatura infantil em Portugal: achegas para a sua história.** Braga: Edição da Editorial Franciscana, 1981.

SARAIVA, António José. **História da literatura portuguesa.** Lisboa: Publicações Europa-América, 1950.

SARAIVA, António José; LOPES, Óscar. **História da literatura portuguesa.** Porto: Porto Editora, Lda, 1979.

UMA TARDE no Jardim-Escola João de Deus: Uma grande obra educativa, sob a égide dum grande poeta, seguida por um grande educador – procurando remediar êrros que de longe veem – Escola portuguesa. **O Comercio do Porto**, Porto, ano 86, n. 17, p. 1, 17 jan. 1941.

VALE, Fernando Gomes Marques do. **A literatura infantil em Portugal: João de Deus – um pioneiro?** Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus, 1991.

VIEIRA, Afonso Lopes. **Canto infantil.** Lisboa: Edição de A Editora, 1912.

Sobre os autores

Elsa Rodrigues

Licenciatura em História pela Universidade Lusfada de Lisboa (1999), Pós-graduação em Museologia e Património pela Universidade Nova de Lisboa (2005), Doutoranda em História da Educação no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Documentalista do Museu João de Deus desde 2001. Serviu *pro bono* a direção do Comité Internacional de Casas-Museus (DEMHIST) como Secretária-Tesoureira de 2011 a 2017 e como Presidente de 2017 a 2020.

E-mail: alidangelo@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7969-4612>

Augusto Deodato Guerreiro

Doutor em Ciências da Comunicação (Ph.D) pela Universidade Nova de Lisboa, Agregado em Ciências da Comunicação, Especialidade Comunicação e Cultura Inclusivas (Universidade de Trás-os Montes e Alto Douro), Professor Catedrático Jubilado no DCC/ECATI/Universidade Lusófona, Presidente do Centro Português de Tiflologia/FNSE, Diretor de Investigação (2º e 3º Ciclos e Pós-Doutoramentos) em Portugal e no estrangeiro, Ensaísta, com particular incidência na Pedagogia/Didática Socioeducacional e Cultural em Equidade.

E-mail: deodato.guerreiro@ulusofona.pt ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5494-1004>

Recebido em: 02/07/2025

Aceito para publicação em: 09/07/2025